
Interveniências tecnotemporais em processos educomunicativos¹

Adilson CITELLI²
Universidade de São Paulo, São Paulo, USP

RESUMO

Neste artigo busca-se refletir acerca das questões comunicativo-educativas ou educomunicativas, a partir dos vínculos entre aceleração do tempo e aparatos industriais-informáticos. Pondera-se acerca dos envolvimento daqueles nexos, haja vista o uso da modalidade de ensino remoto praticado, em maior monta, durante a agudização da pandemia do coronavírus ocorrida entre os anos de 2020 e 2021. Serão incluídas referências a dados coletados em investigação realizada no âmbito do grupo de pesquisa MECOM (Mediações educomunicativas. ECA-USP), sob a nossa coordenação, junto a 447 docentes do ensino básico. Os resultados iniciais apontam inúmeros óbices enfrentados pelos docentes para levar a termo as modalidades educativas não presenciais realizadas através dos mediadores tecnológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; *Big-Techs*; Ensino Remoto; Tempo

Introdução

A percepção de um tempo socialmente acelerado ganha maior evidência na medida em que se ampliam as sinergias entre inovações tecnológicas e relações sociais. Desde a virada do século XX, o tema da velocidade sobrelevou-se carreando seja a exaltação futurista sejam os olhares desconfiados dos que enxergavam no culto à rapidez um equívoco capaz de comprometer o próprio devir humano. Bastaria lembrar, de um lado, o poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) expondo em seu *Manifesti del futurismo* “(...) la bellezza della velocità”; daí que um automóvel em movimento transitando sob o picar das metralhadoras fosse mais belo do que a Vitória de Samotrácia³. E, de outro, Euclides da Cunha (1866-1909), ainda sob os efeitos desastrosos da guerra de Canudos, e olhando o cenário do Rio de Janeiro, nos pródromos de 1900, atravessado pelo barulho dos transeuntes e dos veículos motorizados: “(...) a minha maior aspiração seria deixar de uma vez este meio

¹. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XLV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade Federal da Paraíba-João Pessoa- PB. 2022.

². Professor titular Sênior do Departamento de Comunicações e Artes. ECA-USP. Pesquisador 1B do CNPq. Coordenador do grupo de pesquisa MECOM (Mediações Educomunicativas. ECA-USP-CNPq). citelli@uol.com.br

³. A íntegra do documento, incluindo as aspas, pode ser lida na versão italiana em: https://it.wikisource.org/wiki/I_Manifesti_del_futurismo/Fondazione_e_Manifesto_del_futurismo. Acesso em 05/06/2022.

deplorável com as suas avenidas, os seus automóveis, os seus smarts (...) as suas fantasmagorias de civilização pestuada. Como é difícil estudar-se e pensar-se aqui! ”.⁴

Tais tensões prosseguem sob diversos registros, entrecruzamentos e modulações, pondo à luz, em nossos dias, a existência de um cenário complexificado pela amplitude e alcance das técnicas e tecnologias fortemente vinculadas à celeridade temporal. Daí o repto, nesse texto, em pensar as questões comunicativo-educativas (e os seus nexos), em muitos momentos traduzidas sob o epíteto de educomunicação, educação midiática, literacias, para não alongarmos a lista, a partir dos vínculos entre intensificação da velocidade e aparatos industriais-informáticos, tendo em mira os seus envolvimento com o ensino remoto, modalidade que ganhou força haja vista o espraiamento do coronavírus.

E, possivelmente, um dos grandes incitamentos a serem enfrentados pela educação formal nos próximos anos resida em compreender e agir frente a uma circunstância tecno-histórica que não esclarece a ordem do tempo, confundindo a pressa, a hiperinformação, as operações maquinicas, a valores em si. Nessa mirada redutora, o tempo deixa de significar *para nós*, algo de que dispomos segundo conveniências ou interesses pessoais, convertendo-se em métrica regulada por determinações exógenas locadas, por exemplo, nas demandas do mercado, ou nos ritmos escolares a conterem prazos institucionais consoantes às avaliações, às progressões por séries. Estar no tempo⁵ passa a representar, portanto, menos uma questão ontológica, fenomênica, e mais uma pactuação com metas e “ordens de serviço” cuja rotina indica crescente vínculo (ou dependência) junto aos dispositivos digitais.

É procedente admitir a existência de um desdobramento deste aceno reificado, e que amplia o esclarecimento dos liames sujeito-tempo, quando observamos a saga dos viajores digitais a se deslocarem buscando, aparentemente, encontrar o insondável. Geert Lovink (2022) chama a tais deambulantes pelos dispositivos de *doomscrolling* – os condenados a rolar, no caso, a tela do *mobile*, de cima para baixo e vice-versa,

⁴. Trecho de carta dirigida ao amigo Franciso Escobar, em 1908, e publicada na *Gazeta do Rio Pardo*. <http://www.saonline.com.br/euclides/cocroni.htm>. Acesso: 05/06/2022.

⁵. Aqui não cabe discussão amiúde sobre a “existência” do tempo, ao menos conforme o conceito vem sendo formulado pela física quântica e divulgado, dentre outros, por Carlo Rovelli (2022; 2018).

saltando por informações segmentadas, desconexas, tudo sob o compasso do frenesi. Termo assemelhado é o *doomsurfing* – em versão libérrima: o surfista prisioneiro de ondas que nunca alcançam a praia. Neste particular, o problema mais complicado reside no fato de as navegações seguirem roteiro precificado pelas *big techs*, a pedirem permanente conexão durante 24 horas, 7 dias por semana⁶. Vale dizer, os algoritmos tendem a orientar o movimento háptico fingindo concessão ao tempo subjetivo, o que torna as escolhas envolvendo informações e frequência às redes algo submetido ao regime de “liberdade vigiada”. A prisão referida por Lovink, diz respeito, portanto, à dificuldade dos internautas em escapar ao poder centralizado pelas plataformas oligopolizadas, assim como à capacidade que elas desenvolveram de administrar sentimentos e comportamentos, expressando o ocaso do sonho segundo o qual a descentralização dos primeiros anos de expansão das redes digitais traria mel e maná, sob forma de independência de acesso, controle da informação pelo usuário, democratização das atividades deliberativas de interesse público etc. Enfim, a errância que poderia soar como expressão do tempo controlado pelo sujeito, aquele direito de exercer o “ato de vontade”, de que fala Hannah Arendt (2009)⁷, deságua no enquadramento de hábitos dando ao aleatório ir e vir dos dedos, que “surfam” pelas telas, a sensação segundo a qual num próximo movimento o segredo (seja lá qual for ele) a ser descoberto ganhará revelação; a ansiedade do navegante fica longe de ser abrandada.

É neste andamento que inserimos o debate acerca dos desafios postos aos processos educacionais, haja vista colocar-se à escola uma realidade emergente ancorada nos aparatos midiáticos, plataformas, circuitos digitais, e os consequentes usos deles por docentes e discentes. Aduza-se que a introdução do mediador remoto nas salas de aula do país, com a agudização da pandemia trazida pela SARS-CoV-2, em particular nos anos 2020 e 2021, ocorreu no calor da hora, em ritmos e condições desiguais segundo regiões, cidades, grupos sociais, problemas na formação de discentes e docentes para lidarem com uma nova realidade interposto à educação no país.

⁶. Lembrando o livro de Jonathan Crary. 24/7. *Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu, 2014.

⁷. A filósofa alemã entende que os atos de vontade são reivindicações ao tempo futuro (a memória é o envio ao passado). O poder da vontade possui o condão de transformar a previsão em fato (ou, propriamente, a efetivação do ato).

Nas páginas seguintes e no intuito de aprofundar este debate intentaremos cruzar dois movimentos reflexivos, um proveniente da pesquisa que vimos realizando na interface comunicação e educação e outro voltado a problematizar as circunstâncias nas quais os dados recolhidos durante a investigação⁸ entram em maior ou menor sintonia com as chamadas culturas digitais. Isto é: acompanhar os fluxos de ensino-aprendizagem implica reconhecer, hoje, a existência de um ecossistema comunicacional-informacional plasmado desde as plataformas digitais oligopolizadas que registram lógicas temporais próprias, nem sempre convergentes aos imperativos pedagógicos e mesmo de organização da vida social e pessoal dos docentes e discentes.

Desenvolvimento

No fragmento euclidiano posto anteriormente, os verbos estudar e pensar, ligados à quietação individual, ficam comprometidos pelo açodamento do cotidiano que entrega ao barulho e à agitação estéril os ritmos da vida nos inícios do século XX. O turbilhão nega o amadurecimento da experiência, do tempo necessário para aclimatar e densificar o que poderia transformar-se em acontecimento.⁹ A aceleração, enquanto nível de grandeza que determina a taxa de variação da velocidade em função do tempo, parece vocacionada, consoante os nossos dias, a naturalizar o vetor da intensificação, cuja ordem referencial remete ao *just in time*, ao triunfo na concorrência, aos requisitos em crescendo do capital. A correria segue uma métrica que não incorpora o “movimento retardado”¹⁰, pois possui como núcleo a competitividade, isto é, a disputa voltada à acumulação (de dinheiro, informação, poder etc.), ao domínio do mercado ou setor

⁸. O trabalho em andamento alcançou quatrocentos e quarenta e sete docentes do ensino básico, sobretudo da rede pública e nos níveis fundamental e médio, com maior concentração em São Paulo (59.7%), seguido de Pernambuco (11.4%), Bahia (10.3%), Santa Catarina (6%), para nos restringirmos às maiores indicações. Tem-se por objetivo verificar os vínculos dos professores com os meios de comunicação, notadamente os de natureza digital, durante os períodos de 2020 e 2021, em momento de maior incidência da pandemia do coronavírus. Entre outros propósitos, busca-se recolher dados sobre as circunstâncias concernentes à implementação do ensino remoto – infraestrutura material, óbices formativos dos/das docentes para operar com as tecnologias, maneiras de se relacionar com o tempo em aulas não presenciais etc. O trabalho vem sendo realizado no âmbito do grupo de pesquisa MECOM (Mediações Educomunicativas), sob coordenação de Adilson Citelli, da ECA-USP-CNPq.

⁹. Para Slavoj Žižek, (2017), o acontecimento gera mudanças profundas nas crenças religiosas, inflexões políticas, sociabilidades, afetividades, comportamentos etc., dos sujeitos.

¹⁰. A aceleração, fisicamente, diz respeito ao aumento ou diminuição da velocidade na passagem do tempo. A aceleração de que estamos tratando finge inexistir o efeito negativo (o movimento retardado, a desaceleração) e segue apenas uma rota: a do incremento da vertigem.

dele, ao galardão socialmente distintivo. E nas periferias sobram os escombros da peleja, cuja tradução objetiva é encontrada na luta renhida dos grupos subalternizados que buscam emprego, alternativas geradoras de renda, submissão à informalidade – afinal, é aceitar ou perecer. E, também aqui, a cadência é prestíssima e o apressamento com que se esvaem postos de trabalho corresponde diretamente à ampliação dos buracos impostos àquilo chamado outrora de “redes de segurança” da mão de obra assalariada. Enfim, para os precarizados expandir a largura dos passos não significa reconversão direcionada a algum estado de prosperidade ou melhoria na qualidade de vida.

Deixar o tempo correr, silêncio, tranquilidade, escapar da “agitação estéril”, são expressões gestadas a contrapelo do estatuto acelerativo. Os reclamos do autor d’*Os sertões* dizem respeito, portanto, à dificuldade de sobrepor o plano da experiência ao da vivência, pois há inúmeros impasses a serem superados quando está em causa driblar as lógicas produtivas que atravessam o cotidiano. O problema em tela não diz respeito ao sentimento de nostalgia, de regressão, de avocar uma espécie de *in illo tempore* da felicidade permanente, mas às condições necessárias dirigidas à emersão do elemento reflexivo que pede cadência própria de maturação, cujo sincronismo – e para continuarmos na aflitiva imagem elaborada por Euclides da Cunha – pouco ou nada se ajusta aos barulhos dos automóveis em deslocamento pela avenida Central, no Rio de Janeiro. E, sequer, às imposições da presente sociedade administrada, regida por determinativos mercadológicos, pragmáticos, de cumprimento de metas e tarefas, muitas vezes, colocadas ao largo dos interesses e desejos dos indivíduos. No fundo, a pressa em voga diz respeito não ao afeto pelo tempo, mas “(...) à sua desvalorização” (KHEL, 2009, p. 161).

Colocados em perspectiva, os dois destacados verbos euclidianos, estudar e pensar, estariam alinhados aos territórios das vivências e das indagações ontológicas, aos quais ajustar-se-ia a máxima corrente, mas de duvidoso exercício, da *educação para a vida inteira*. Neste caso, o modo compassivo, que solicita algum silêncio e redução de velocidade, ficaria mais próximo do conhecimento emancipador. Ao revés, dar ao tempo dimensão de mercadoria, portanto algo que foge ao controle dos sujeitos significaria incorporar a velocidade como elemento social estruturante, parte inescapável de uma era *sob a égide das tecnologias digitais*. Por este caminho, restaria

admitir que o conhecimento regulador, espécie de limitante cognitivo, onde habitam as paráfrases continuadas, impôs-se enquanto estratégia dominante, mesmo no ensino formal. Tal quadro que beira a agnosia resulta da convergência e mesmo imantação de inúmeros fatores que foram apontados, entre outros, por Paul Virilio (1996) ao trabalhar o conceito de dromologia.

Considerando os propósitos deste texto, pôr à luz algumas das tensões entre barulho e capacidade de pensar, intensificação da velocidade (agora, em forte vínculo com os ativadores digitais) e ritmo necessário ao estudo, experiências vivenciais e reprodução dos discursos parafrásticos, é uma maneira de trazer para o campo da comunicação-educação um conjunto de problemas que estão afetando, diretamente, as instituições escolares. Equivale dizer: indagar acerca das circulações comunicativo-educativas nas salas de aula demanda não perder de vista o quadro sociotécnico interveniente na vida social e, sobretudo, nos espriamentos que representa para o cotidiano dos/das discentes e docentes.

1

O contexto no qual se organiza a tecnosfera, por sua vez traduzida na maneira como a informação e o conhecimento são operados, em boa monta disponibilizada através do celular, internet, redes sociais, enfim, da ampla digitalização, é realidade a perpassar sujeitos e instituições, e de crescente presença nas salas de aula. A pandemia provocada pela Covid-19 apenas acentuou e mesmo redefiniu o lugar dos mediadores técnicos digitais na educação formal. A introdução do chamado ensino remoto, e as suas variações híbridas, agregou desafios que impactaram ou continuam impactando seja nas estratégias presenciais seja nas à distância. De toda sorte, os fluxos entre processos comunicativos e educativos, facilitados pelo aparato digital, ocorrem no âmbito de recursos que se integram fortemente às lógicas da velocidade. Por um lado, o imperativo da urgência, a pressão do burburinho e da “agitação estéril”, o chamado ao *tempo útil* – aquele controlado pela racionalidade dos processos de produção e que abre poucas brechas para o sujeito viver o *seu próprio tempo*. Por outro, as particularidades interpostas pelo discurso didático-pedagógica, que solicita (ou deveria fazê-lo) a *quietação frutuosa*, movimento moderado, atenção ao aprendizado da leitura, da escrita, do cálculo, da reflexão, da crítica, do fazer formativo/vivencial que se elabora na longa duração. Bem lido este enunciado tensivo, encontramos cenário animado por

dois senhores: um rege a grande orquestra de sons e luzes, do espetáculo e da excitação, da rapidez e do efêmero, da estimulação eletrônica fragmentada; o outro pede alguma introspecção, certa vagareza, capacidade de exercitar a escuta e o diálogo, paciência, operações aditivas, acumulação, convivência virtuosa com o *tempo inútil* – aquele dentro do qual é possível realizar os percursos implicados no amadurecimento intelectual e emocional dos sujeitos.

Em angulação maior, a tensão temporal pode ser pensada à luz das *migrações permanentes* que regem a contemporaneidade: fragmentação, instantaneidade, obsolescência, fugacidade. Se a permanência reside na transição, nada indica que a marcha tecnológica conhecerá arrefecimento, logo, a *estimulação eletrônica fracionada* tanto fincará morada como será ampliada e aprofundada. Abaixo o dado recolhido pela nossa pesquisa quando foi perguntado ao/à docente sobre *os recursos mais utilizados para efetivar o ensino durante a pandemia*¹¹:

Tabela 1

| |
|--------------------------|
| Celular. 93.1% |
| Computador/laptop. 92.2% |
| Tablet. 18.1% |

Fonte: Mecom/2022

Esta tabela indica a tendência de utilização das tecnologias digitais concentradas nos dispositivos móveis e computadores que, se acionados em maior intensidade durante a pandemia (a despeito dos inúmeros problemas aí incluídos), prosseguirão em sua rota de crescente presença no cotidiano dos/das professores e alunos/as. Se dizíamos que a *estimulação eletrônica* é fato social de marcha continuada, também não se antevê o fim das unidades educativas formais, malgrado os inúmeros problemas que as afetam. Trata-se, portanto, de pactuar maneiras de conviver entre os dois senhores anteriormente referidos, mesmo estando eles acompanhados por ritmos temporais nem sempre congruentes: a rapidez com que mensagens são tecladas no WhatsApp, a

¹¹. Nas três tabelas às quais faremos referência adotamos o procedimento de pontuar apenas as maiores indicações. Observamos que as perguntas apostas aos questionários permitiam fossem assinaladas mais de uma alternativa. Por uma questão de espaço, as tabelas apresentam apenas quadros gerais, sem que haja análise amíúde dos dados. Em relação à tabela 1, por exemplo, é preciso considerar o fato de que a consciência temporal não se processa do mesmo modo frente ao desktop ou ao celular – dispositivo com estratégias operacionais e de mobilidade que lhes são próprias.

economia das palavras do Twitter, a larga interatividade digital, certamente, não se equivalem aos ritmos e andamentos dispensados por docentes para esclarecer enunciados matemáticos, ou por discentes que labutam no objetivo de apreenderem os sentidos do poema. Neste particular, a escola continua sendo excelente alternativa para ensinar sobre as variadas temporalidades, e que, nem sempre, a rapidez da internet, as facilidades embutidas na praticidade dos *mobiles*, irrompe enquanto sinônimo de positividade, eficiência, ou modo procedente visando a resolver determinado problema. Reside, aqui, um dos motivos pelos quais ao atropelo da comunicação, à ligeireza das redes sociais, ao espetáculo midiático, ao dirigismo dos algoritmos, ao descalabro das *fake news*, sempre haverá espaço para a educação formal instituir dinâmicas reflexivas em condições de se interporem aos imperativos tecnológicos, estimulando os olhares desconfiados, esclarecendo, enfim, o fato de que certas demandas afeitas à pressa e à fugacidade costumam ser pouco fecundas quando entram em cena os processos formativos dos sujeitos. O fato de professores e professoras terem acionado, emergencialmente, celulares e computadores para darem seguimento ao seu mister durante a pandemia não significa que em momento posterior o debate sobre o que se embute nestas *tecnologias de permanência* deixe de ser considerado.

Atuar na tensão entre tempo didático-pedagógico de maior fixidez e tempo fugidioso dos aparatos técnicos não é, portanto, tarefa simples, conquanto a solicitar enfrentamento por parte das instituições educativas formais. Cabe adicionar o fato de inexistirem duas realidades, uma dentro outra fora dos muros da escola, ficando discentes e docentes divididos entre elas. Ao contrário, pois o que se elabora é uma totalidade social cuja característica mais visível é a de tornar fluídas as relações entre o público e o privado, instâncias formais e informais, rede social e sala de aula. Os dispositivos jogam papel importante neste circuito, as mídias locativas¹², por exemplo, registram a potência de trazer para o interior das escolas o burburinho das ocorrências cotidianas, as informações jornalísticas, as trocas de memes e fotografias, rompendo os limites impostos pelos já citados dois ritmos temporais. Em uma palavra: ajustar a pluralidade desses processos sem comprometer as funções, objetivos, finalidades e o

¹². Como largamente divulgado em várias pesquisas feitas ao longo da pandemia da Covid-19, incluindo a nossa tabela 1, os celulares, em suas diferentes versões, foram os meios mais acionados para concretizar o ensino remoto. Ver: <https://cetic.br/pt/tics/tic-covid-19/painel-covid-19/3-edicao/>.

lugar social e temporal das salas de aula é repto a ser considerado, sobretudo, pelos que atuam nas interfaces educacionais.

2

O nosso tema recorrente envolvendo a temporalidade entre os ecossistemas comunicacionais, educacionais, e das próprias relações societárias, vem ocupando alguns autores. Dentre eles, Hartmurt Rosa (2013) entende as mudanças que marcam a nossa quadra histórica a partir de três indicadores principais: a rapidez dos sistemas e processos tecnológicos; a celeridade das mudanças sociais; a dinamização nos ritmos de vida. E aduz que as marcas estruturais e culturais das instituições estariam cifradas pelo *shrinking of the present* (2013, p. 44), o fragmento de tempo no qual os traços do passado são obnubilados e o futuro vivido como presente.

Ao combinar tal fenômeno com a aceleração tecnológica, o “encolhimento do presente” passa a sugerir maior rapidez na passagem temporal, contribuindo de várias maneiras para que as nossas relações sociais e interpessoais se fragilizem. Tal assertiva ajusta-se à análise de Franco Berardi (2019), para quem já não percebemos mais o futuro como horizonte de esperanças, cronotopo capaz de infundir a ideia de que *lá-pode-ser-melhor*, ficando o indivíduo um tanto relegado, paradoxalmente, à solidão, ao desenraizamento – a despeito da possível conectividade digital, do espectro globalizador, do conforto permitido pelos acessos online.

Do parágrafo acima depreende-se que os processos de aceleração e transitoriedade, conquanto estejam associados historicamente aos desdobramentos do modo de produção capitalista – fenômeno bastante discutido por Marx e Engels nas análises que fizeram do industrialismo inglês do século XIX, apontando que toda solidez se desmanchava no ar –, ganharam, na contemporaneidade, a força vetorial da velocidade intensificada. Há incompatibilidade entre os substantivos estável e duradouro e a rapidez requisitada pela alta modernidade com a sua super oferta de bens, serviços, mercadorias, gêneros e tipos de produtos, assim como do acesso a crédito e estímulo ao consumo. Noutros termos, há certa equipolência entre o revolucionar permanente, as inovações tecnológicas, as formas de apreensão do tempo e maneiras de as pessoas serem e estarem no mundo. Respeitados os estratos de classes, econômicos, culturais, de sociabilidades etc., é neste cenário que os sujeitos definem valores,

participam do debate público, entram no jogo discursivo “ativam processos comunicacionais, singularizam mecanismos de integração na dinâmica social” (CITELLI, 2021, p. 18). Por evidente, as escolas, assim como outras instituições tradicionais, são atravessadas pelos arranjos entre os mediadores tecno-comunicativos e os movimentos de aceleração social do tempo, o que torna, segundo estamos procurando mostrar, um desafio importante a ser tratado no âmbito da educação formal.

Haveria ingenuidade, ademais, em apenas reconhecer que a velocidade ganhou lugar especioso na vida em curso, minimizando o fato de entre os seus propulsores estarem os dispositivos tecno-tecnológicos, especialmente quando afeitos ao universo digital, ancorados nas plataformas empresariais oligopolizadas. Equivale dizer: o vetor dromológico, quando remetido ao complexo industrial-informático, incide nas formas como o tempo é percebido pelos sujeitos e na relação deles com a “colmeia conectada” (ZUBOFF, 2019, p. 567). Sinteticamente: o empreendimento estruturado ao redor de um pequeno grupo de companhias, postas sob o epíteto de *big techs*, esclarece o poder instrumentário de afetar, também, a consciência temporal dos usuários. Entende-se que deixe de provocar estranheza vivermos no referido *shrinking of the present*, um paradoxal exemplo de *instantâneo-permanente*. Ou, de outro modo, o átimo (e seus assemelhados) ganhou o estatuto de continuidade e passamos a estar dentro dele, naturalizando o fato de que o transitório seja apreendido como estrutura de duração. Tal reconhecimento do espaço ocupado pela celeridade temporal registra forte ancoragem nos vínculos estabelecidos entre os indivíduos e as redes digitais, na presteza que move o trânsito de assunto a outro, na efemeridade posta em *continuum*, na certeza de ter o mundo na ponta dos dedos, tudo em frações de segundos e conexões incessantes.

Compor-se-ia, aqui, uma dinâmica (para a qual as *big techs* jogam papel importante) cujo leque de abrangência e influência alcançaria os modos como os indivíduos localizam-se diante dos ritmos temporais. Vale dizer, a torrente de informações, a estratégia operacional das redes sociais, os cliques sobre cliques, as andanças frenéticas pelos videojogos, os saltos de memes a memes etc., fazem do *instantâneo-permanente* uma espécie de indicador temporal a ser vivenciado pelos que vagueiam – como os passeantes benjaminianos, obviamente sem Paris – por estradas e

avenidas digitais que pedem agilidade nos acessos, prontidão nas respostas, presteza nas viagens.

Dedicada a examinar este novo ecossistema comunicacional-industrial-informático, Shoshana Zuboff (2019) atribui às *big techs* a denominação de capitalistas de vigilância. Malgrado não caiba, no momento, examinar as teses da autora norte-americana, vale lembrar que o seu principal argumento reside na identificação de empresas como Google/Alfabet, Facebook/Meta, Twitter/Verizon/, Microsoft, Apple e demais membros do restrito grupo das sentinelas do novo capital, um ramo de negócios cujo foco dirige-se ao controle comportamental. É um poder instrumentário cuja linha de força organizacional pode ser encontrada em cinco grandes enunciados: mineração/extração de dados – para tanto, são acionados modelos matemáticos, algoritmos –; superavit comportamental – é o ativo de custo zero, pois o propósito reside em acumular informações, fotos, vídeos, padrões sociais etc., retirados, diretamente, do usuário; ou usado¹³ –; predição – tendo o perfil comportamental, garantido pelo superavit busca-se dirigir mensagens de toda ordem, supondo necessidades do sujeito que acessa as redes digitais –; composição da estrutura dos dados – o grande catálogo cujos termos são fornecidos dádiosa e gratuitamente pelo usuário às *big techs*, que organizam tudo em seus respectivos bancos de dados, assim como os subsequentes procedimentos de dataficação –; mudança comportamental – o ajuste fino voltado a mudar comportamentos levando a termo os resultados prometidos pelas estratégias preditivas. O que se desenha, aqui, é uma nova lógica de acumulação, diferente daquela buscada, por exemplo, pelo fordismo, que consistia em obter lucros (dos quais continuam a fazer parte a retenção da mais valia) entregando determinados produtos físicos, como o célebre automóvel *Model T*.

Assim, em direção não necessariamente convergente às formas de exploração do capitalismo clássico, as *big techs* inovam, também, neste aspecto, pois não querem apenas acumular através do controle da força de trabalho e da entrega de bens físicos

¹³. Em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, em 12/09/2021, Ronaldo Lemos considera que é preciso abandonar a expressão “usuário da internet”. E, no lugar dela, adicionar um termo mais adequado: “usado da internet”. A expressão esclareceria melhor o tipo de vínculo que as tecnologias criaram com os sujeitos: “(...) precisamos de uma palavra nova, talvez um neologismo em inglês como “used”, mistura de “user” com “used”. Ou, em português, “usuado”, para se referir a quem usa, mas também é usado (...) Isso porque, no mundo de hoje, em que a tecnologia, sensores e câmeras estão em toda parte coletando dados, é muito mais fácil ser utilizado do que utilizar.” <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2021/09/e-preciso-parar-de-falar-usuario-de-internet.shtml>. Acesso: 08/06/2022.

ao usuário final, senão capturando os diferentes aspectos da experiência humana: colonizar os dados (COULDRY; MEJIAS, 2019) e elaborar modelos preditivos converteu-se no credo dos templários da vigilância.

3

As sumárias observações dos temas referentes à velocidade e às *big techs*, que convergem sob inúmeros aspectos, recoloca-nos diante das instigações provenientes da repentina introdução do ensino remoto ou híbrido nas escolas brasileiras, em decorrência da pandemia do coronavírus. É bom não perder de vista o fato de que *softwares*, programas, aplicativos, utilizados para dar sequência às atividades escolares foram (ou continuam sendo), em boa monta, provisionados por companhias como Google, Microsoft, Cisco e similares. Isto é: dos aparatos voltados às aulas nas modalidades acima consignadas fazem parte inúmeros produtos gerados no interior do poder instrumentário e que vem recebendo reflexão crítica de autores como a referida Zuboff (2019), Morozov (2019; 2013), O'Neil (2020).

Ou, conforme os dados recolhidos em nossa pesquisa quando foi perguntado ao/à docente: *qual ou quais funcionalidades, programas, aplicativos, utilizaram para levar a termo o ensino remoto:*

Tabela 2

| |
|--|
| WhatsApp. 90,6% |
| Plataformas de videoconferência. Teams, Google Meet, Zoom. 76,1% |
| E-mails. 44,1% |

Fonte: Mecom/2022

Em síntese, o que se esclarece é a maciça presença do organismo empresarial-tecnológico composto pelas plataformas oligopolizadas¹⁴ – e, conseqüentemente, de um *modus operandi* alinhado aos processos de aceleração social –, como fornecedores de dispositivos que circularão pelas redes de ensino. Aqui não há espaço para

¹⁴ Como é possível verificar, os/as docentes que participaram da nossa pesquisa e acionaram o ensino remoto ou híbrido utilizaram ou continuam a fazê-lo dispositivos como o *Teams*, da Microsoft; *Google Meet*; *Zoom* (que possui histórico complicado, haja vista problemas envolvendo segurança cibernética e privacidade. Em decorrência disto, as escolas de Nova York, em 2020, foram proibidas de utilizar o *Zoom*); *Moodle*; *BlackBoard*; *Skype* etc.

considerar as operações econômico-comerciais que vinculam vendedores e compradores dos projetos de “modernização escolar”, “implantação do ensino emergencial”, etc., muitas delas evitadas de vícios e malversações quando entra em cena o poder público. Cabe-nos chamar atenção para os significados que ensejam a internalização de pacotes informacionais com pouca ou nenhuma participação de docentes e discentes, a não ser no que tange a ajustes didático-pedagógicos pertinentes aos cursos e atividades programadas, e lembrar os nexos que possuem com as *big techs*.

Ainda segundo a nossa pesquisa, e frente à pergunta: “A *necessidade de trabalhar com novos dispositivos de aprendizagem (plataformas, sites, aplicativos, softwares, entre outros) provoca*”, surgiram as seguintes respostas:

Tabela 3

| |
|--|
| Estímulo para utilizar novas estratégias de aula. 58.2% |
| Esgotamento, estresse. 44.9% |
| Ansiedade. 43.1% |
| Cansaço visual. 41.1% |
| Sentimento de despreparo para o uso das tecnologias. 32.4% |
| Insegurança. 31.7% |

Fonte: Mecom/22

Tirante o primeiro quesito, a merecer consideração noutra momento, haja vista a extensão dos problemas nela suscitados, as demais dizem respeito a mal-estares de fundo psíquico, emocional. Existe, portanto, relevante indicador tensivo na relação dos/das docentes com as realidades tecnológicas interpostas de maneira compulsório pelo ensino remoto. Aduza-se que o problema temporal entra, igualmente, no cômputo geral dos referidos mal-estares, tendo em mira que 85% dos/das pesquisados/as afirmaram ser necessário dedicar mais tempo para a organização das aulas remotas quando comparadas às presenciais; 74% revelaram ficar mais extenuados ao produzir os materiais e ministrar aulas à distância; 93% disseram sentir que o tempo ganhava aceleração quando foi necessário mobilizar os intermediadores técnicos para as finalidades didático-pedagógicas pedidas no período da pandemia.

Em síntese, integradas as três tabelas e demais reflexões expressas no artigo, é possível registrar um quadro aproximado acerca dos desafios que se apresentaram (e

continuam a fazê-lo) à educação formal, considerando o ingresso, em maior escala, dos expedientes comunicacionais-digitais, requisito para a efetivação do ensino remoto. Ademais, as ponderações que fizemos acerca dos circuitos temporais e os seus vínculos com a indústria informacional sugerem que há necessidade de as escolas repensarem as suas dimensões teórico-práticas ao incluírem os mediadores tecnológicos voltados ao mister educativo, mesmo quando as circunstâncias benfazejas tenham empurrado para as calendas o coronavírus e outros vírus que acompanham a presente vida política brasileira.

Conclusão

Ao longo do artigo buscou-se mostrar que a entrada dos recursos digitais nas salas de aula, em maior monta como decorrência da crise produzida pelo SARS-COV-2, e que trouxe consigo a necessidade de ativar o ensino remoto ou híbrido, vem acompanhada de lógicas subjacentes ao “estado algorítmico” (MOROZOV, 2019, p. 33), dentre elas os processos de predição, hiperconexão/platamorfização e temporalidade socialmente acelerada.

Por esta via – e não descurando dos ganhos trazidos pelas inovações técnicas que permitem, entre outras coisas, levar a termo a própria modalidade de ensino à distância – é imperioso reconhecer o fato de a arquitetura e a utilização dos *softwares*, aplicativos e programas disponibilizados para as aulas remotas impactarem, em maior ou menor grau, nas atitudes e expectativas pessoais e profissionais dos/das docentes. É o que se reconhece, por exemplo, na tabela 3 acima exposta.

Ter este quadro em perspectiva, assim como atentar para o estado real das escolas de ensino básico no Brasil, marcadas por desigualdades e precariedades de infraestrutura e desvalorização dos profissionais educadores, talvez contribua para o desenvolvimento de programas no âmbito da educação midiática/educomunicação/comunicação e educação, que possam mais bem discutir os sentidos, alcances, implicações do ensino remoto – e do uso dos dispositivos tecnológicos em sala de aula.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009.
- CITELLI, Adilson. (Org.). **Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares**. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2021.
- CRARY, Jonatham. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac-Naify, 2014.
- COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses. **The costs of connection**. How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Palo Alto: Stanford University Press, 2019.
- BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu, 2019.
- KHEL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. A atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**. Ascensão dos dados e morte da política. São Paulo: Ubu, 2019.
- MOROZOV, Evgeny. **To save everything click here: the folly of technological solutionism**. New York: Public Affairs, 2013.
- O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**. Santo André: Rua do Sabão, 2020.
- ROSA, Hartmut. **Social acceleration**. A new theory of modernity. New York: Columbia Press University, 2013.
- ROVELLI, Carlo. **E se o tempo não existisse?** São Paulo: Edições 70, 2022.
- ROVELLI, Carlo. **A ordem do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- VIRILIO, Paul. **L'espace critique**. Paris: Christian Bourgois, 1996.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Acontecimento**. Uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- ZUBOFF, Shoshana Zuboff. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.